

De sinal em sinal

LUCIANA NAVARRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Com taxa de desemprego acima da média brasileira, o Distrito Federal está longe de ser um oásis em oferta de postos de trabalho. Sem conseguir uma empresa para assinar a carteira, mesmo com todas as desvantagens, muitas pessoas recorrem à informalidade. Basta passar por um sinal de trânsito movimentado no Plano Piloto ou em qualquer cidade-satélite para ver homens, mulheres e até crianças enfrentando poeira, chuva, sol e frio. No mercado persa da rua, as janelas dos carros viram bancas. A renda mensal de um ambulante varia de R\$ 300 a R\$ 5 mil líquidos.

Diversificar a oferta foi a forma encontrada pelos vendedores para conquistar o consumidor. Itens básicos como panos de prato e de chão, frutas da estação, e outros mais supérfluos

ainda — como miniuniformes de futebol para enfeitar os vidros dos carros (**veja quadro**) — estão na lista. Lucinéia Gaspar, 23 anos, está nos semáforos há quatro anos. Sem direitos trabalhistas mínimos, obrigada a cumprir jornadas duras de trabalho e constantemente exposta a riscos, a comerciante é uma espécie de síntese do drama vivido por quem disputa espaços com automóveis e motos. “Já vendi panos de prato e de chão, passo de uma coisa para outra, o importante é não ficar parada”, diz.

Vale tudo

Na tentativa de melhorar de vida de forma honesta, vale tudo. Os primos Walmir Marques, 24 anos, e Leo Nunes, 21, viajam cerca de 90 quilômetros de Alexânia (GO) a Taguatinga para vender mexericas produzidas no sítio da família no município goiano. A decisão de trabalhar tão longe de

casa foi tomada depois de longa busca por emprego. “Quando muda a época, trazemos jabuticaba também plantada lá. Assim dá para tirar um dinheirinho”, conta Walmir.

Os preços vão de R\$ 2 a R\$ 20 dependendo não apenas do que se compra como também do local onde o ambulante fica. O boneco do personagem Pica-pau, por exemplo, é encontrado no Plano Piloto por R\$ 20, mas pode ser achado por R\$ 13 no cruzamento da QNL entre Taguatinga e Samambaia. Aliás, é nesse endereço que o *Correio* encontrou a maior quantidade de vendedores concentrados. Em horário de pico, chega a ter 50 pessoas comercializando de tudo um pouco: água, brinquedos, frutas, enfeites, balas e panos de chão. “É melhor que trabalhar para os outros”, resume a vendedora de dindim, guloseima conhecida como geladinho em outros estados do país.

Marcelo Ferreira/CB/DA Press - 13/8/08



QNL ENTRE TAGUATINGA E SAMAMBAIA: CONFORME O HORÁRIO É POSSÍVEL ENCONTRAR ATÉ 50 AMBULANTES NO SEMÁFARO